

**PARA ALÉM DO MERCADO COMUM: DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL EM CONTEXTO DE INTEGRAÇÃO ECONÓMICA REGIONAL EM MOÇAMBIQUE**

**EPIFÂNIA LANGA & MARIA NCONJERA**

**INTRODUÇÃO**

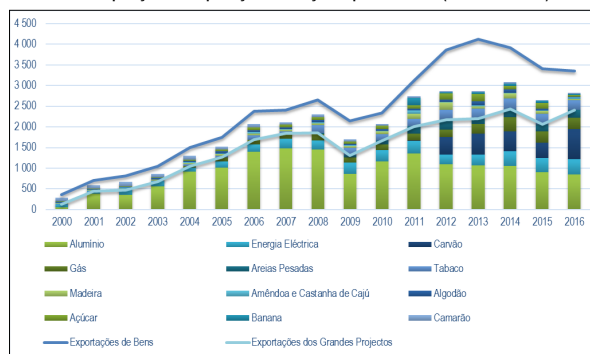
Moçambique é um dos 44 países africanos signatários do novo acordo de livre comércio denominado "Zona de Comércio Livre Continental de África", que tem como principal objectivo a criação de um mercado continental único de bens e serviços, com livre circulação de pessoas e de investimentos, gerando, assim, oportunidades para a obtenção de economias de escala e acesso à mercados (União Africana, 2018). Mas, em que medida a rápida aceleração do processo de integração económica pode efectivamente expandir investimentos produtivos e as exportações? O que se pode aprender dos acordos de integração económica regional já existentes, como o caso da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC, na sigla em inglês) da qual Moçambique é membro? Argumentamos neste número, com base na análise das relações económicas entre Moçambique e a África do Sul na indústria de máquinas, equipamentos e serviços associados<sup>1</sup>, que face às diferenças significativas em termos de capacidades industriais entre países, particularmente o domínio regional da economia sul-africana, a integração económica baseada somente na expansão de mercados reproduz o carácter subdesenvolvido e dependente da estrutura produtiva doméstica.

**Dinâmicas industriais e padrões de integração económica entre Moçambique e a África do Sul**

O cabaz de exportações de um país é ilustrativo das capacidades produtivas nele existentes e quanto mais complexos ou sofisticados os produtos exportados, mais avançadas são as capacidades dentro da economia (Hidalgo, Hausmann & Dasgupta, 2009; Lall, 1992). Como mostra o Gráfico 1, no caso da economia de Moçambique, o cabaz de exportações é dominado por um número bastante reduzido de *commodities* do complexo mineral-energético (alumínio, gás, carvão, energia eléctrica e areias pesadas), seguido de *commodities* agrícolas (açúcar, algodão, banana, castanha de caju e madeira), revelando o carácter sub-desenvolvido do tecido industrial doméstico dado que estes produtos são exportados sem ou com baixo nível de processa-

mento. Excluindo os megaprojectos de IDE, a indústria manufactureira nacional mostra sinais de desindustrialização prematura, na medida em que reduz: (i) a sua contribuição no PIB; (ii) o número de empresas e postos de trabalho no sector; e (iii) a capacidades produtiva em actividades industriais com alta complexidade a favor de uma crescente concentração em actividades mais primárias (IIM, 2018; Langa, 2017; Palma, 2005; Rodrik, 2007).

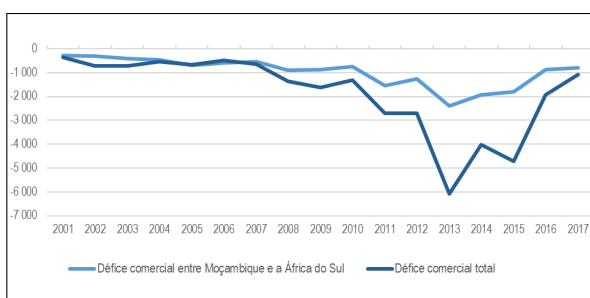
**Gráfico 1: Composição das exportações de Moçambique 2000-2016 (Milhões de USD)**



Fonte: Banco de Moçambique (2016)

Assim, neste contexto de enfraquecimento e concentração do tecido industrial doméstico, as relações de investimento e comerciais com a África do Sul, que consegue ser mundialmente competitiva em certas áreas de elevada complexidade tecnológica como a indústria de máquinas e equipamentos, caracterizam-se pelo domínio do IDE e das importações sul-africanas na economia moçambicana. Por um lado, a

**Gráfico 2: Défice comercial com a África do Sul e total 2001-2017 (Milhões de USD)**



Fonte: Trademap (2017)

África do Sul é um dos países que mais investe em Moçambique, por outro lado, as relações comerciais entre os dois países são caracterizadas por um défice crónico para Moçambique. O gráfico 2 ilustra a debilidade da economia moçambicana em responder aos crescentes níveis de demanda por bens e serviços, particularmente durante o período de expansão do IDE entre 2011 e 2013, resultando no crescimento drástico das importações da África do Sul atingindo um pico de 2,397 milhões de dólares em 2013.

Efectivamente, assistiu-se a uma aceleração generalizada das importações totais, demonstrando uma relação quase simétrica entre os níveis de investimento, particularmente de IDE na forma de grandes projectos e o nível do défice da balança comercial (Langa, 2017).

Enquanto que no início da década 2000, Moçambique importava da África do Sul maioritariamente bens de consumo para responder a crescente demanda por parte da população

urbana (produtos alimentares, bebidas e veículos de transporte), dado carácter o capital-intensivo do crescimento económico impulsionado pelos megaprojetos na indústria extractiva e sua infra-estrutura de apoio, estas importações tornaram-se cada vez mais concentradas em máquinas, equipamentos e produtos metálicos, particularmente durante o período de expansão do IDE<sup>2</sup>. Esta categoria de produtos aumentou o seu peso no total de importações provenientes da África do Sul de 24% em 2002 para 40% em 2015, sendo constituídos, em grande parte, por máquinas para o processamento de minerais e equipamento de movimentação de terras (*bulldozers*, niveladoras e outras).

<sup>1</sup> A pesquisa baseou-se principalmente em dados de entrevistas recolhidos através de questionários semi-estruturados na província de Maputo e na província de Gauteng na África do Sul abrangendo um total de 30 entrevistados (19 em Maputo e 11 em Gauteng), incluindo empresas de produção e manutenção de equipamentos, grandes compradores, particularmente os megaprojectos, associações do sector privado, departamentos governamentais e agências de desenvolvimento, doadores e instituições de formação técnico-profissional.

<sup>2</sup> Moçambique exporta para a África do Sul maioritariamente energia eléctrica, gás, mariscos e banana.

## Desenvolvimento de competitividade industrial na indústria de equipamentos e serviços associados em Moçambique

As entrevistas confirmam a existência de um mercado significativo para serviços de reparação e manutenção industrial de máquinas e equipamentos em vários sectores ao longo do país, sendo particularmente mais atractivo nos megaprojectos da indústria extractiva e suas respectivas infra-estruturas portuárias e ferroviárias, seguidas por sectores industriais tradicionais (bebidas, agricultura e construção). Enquanto as máquinas tendem a ser uma componente mais cíclica das vendas, as entrevistas com empresas do sector apontam para a reparação e manutenção industrial pós-venda como o mercado onde a maioria dos lucros é gerada e, portanto, sustentando o crescimento das empresas nesta indústria.

Entretanto, apesar da existência de oportunidades na manutenção e reparação industrial, poucas empresas moçambicanas conseguem efectivamente ser fornecedoras dos grandes e megaprojectos de IDE, principalmente por períodos prolongados (Langa & Mandlate, 2015). A maioria das empresas subcontratadas por estes projectos são estrangeiras, particularmente sul-africanas (Castel-Branco & Goldin, 2003; Langa & Mandlate, 2015; Langa, 2015; Pretorius, 2005). As entrevistas mostram que as empresas sul-africanas dominam o mercado dos serviços de reparação e manutenção industrial associados aos megaprojectos, e também competem com as empresas moçambicanas pela captura de mercados de menor dimensão como a indústria do açúcar e de bebidas. Olhando especificamente para o caso da Mozal, apesar de terem já passados 18 anos desde o início das suas actividades, das oito empresas subcontratadas para serviços de manutenção metalúrgica e mecânica estabelecidas na zona de comércio livre do parque industrial de Beiluanene, apenas uma empresa é originalmente moçambicana.

Enquanto, por um lado as empresas sul-africanas desfrutam de relacionamentos históricos com alguns dos grandes investidores sul-africanos em Moçambique, por outro lado, as empresas sul-africanas possuem capacidades técnicas e financeiras bastante mais desenvolvidas que as empresas moçambicanas. A África do Sul possui capacidades produtivas e tecnológicas para produção de equipamento, peças e componentes, com muitas empresas a utilizar técnicas de *design*, equipamentos e processos sofisticados. Em contrapartida, as empresas moçambicanas manufactureras na indústria metalúrgica e mecânica possuem, em geral, fracas capacidades produtivas e financeiras, e são inteiramente dependentes do mercado doméstico. Portanto, a grande maioria não é capaz de satisfazer os requisitos técnicos e financeiros para se tornar um fornecedor de um megaprojeto. As poucas empresas moçambicanas que conseguiram aceder e estabelecer-se neste mercado limitam-se ao fabrico e manutenção de pequenas peças ou ferramentas metálicas, e

serviços de manutenção e reparação de estruturas metálicas menos especializados.

## Integração económica e colaboração estratégica para industrialização

Do ponto de vista institucional, as entrevistas apontam para a inexistência de mecanismos de colaboração estruturada na indústria de equipamentos e serviços metalúrgicos e mecânicos associados entre a África do Sul e Moçambique, resultando na falta de envolvimento entre os dois países nesta área. Apesar de ter sido assumido o compromisso de promoção de uma industrialização regional a nível da SADC, há desalinhamento entre departamentos governamentais em ambos países no que concerne à condução do processo na prática. O banco de desenvolvimento industrial da África do Sul (IDC na sigla em inglês), por exemplo, tem a indústria de equipamentos como uma das suas áreas de financiamento prioritárias domesticamente, mas ainda não está envolvido em projectos dentro da região, sendo que o último projeto financiado em Moçambique foi a fundição de alumínio Mozal.

Por outro lado, a experiência de parcerias entre empresas moçambicanas e estrangeiras promovidas pela Mozal e o Centro de Promoção de Investimentos (CPI) como parte do programa de desenvolvimento de fornecedores da Mozal mostra que uma discussão profunda sobre o que constitui uma parceria significativa para as empresas moçambicanas é crucial para promover o desenvolvimento industrial. Langa e Mandlate (2015) argumentam que, a longo prazo, as parcerias estabelecidas entre empresas moçambicanas e estrangeiras (principalmente sul-africanas e australianas) para fornecer a Mozal durante seus primeiros anos de operação foram de impacto limitado em termos de transferência tecnológica, ganhos financeiros e acesso ao mercado da Mozal. As empresas sul-africanas estabeleceram tais parcerias com o objectivo principal de aceder ao mercado da Mozal com facilidades de infra-estruturas e conhecimento do ambiente de negócios local, e na ausência de mecanismos efectivos de monitoria de transferência de capacidades e tecnologia, as empresas moçambicanas foram, na sua maioria, abandonadas logo que estes objectivos foram alcançados.

## Implicações para o debate sobre integração económica

As relações económicas entre Moçambique e a África do Sul nas últimas duas décadas, particularmente as crescentes ligações em torno do sector de máquinas e equipamentos, mostram que há necessidade de tornar a integração económica regional não só um instrumento de facilitação à criação de economias de escala, mas fundamentalmente de desenvolvimento de capacidades industriais através do desenvolvimento de centros regionais de capacitação, certificação e provisão de infra-estrutura e serviços industriais para impulsionar a produção industrial.

Um ponto que emerge da pesquisa é a necessidade de se discutir as condições necessárias para a criação de parcerias estratégicas e produtivas entre empresas moçambicanas e sul-africanas no contexto do sector extractivo em Moçambique para promover a transferência de tecnologia, a agregação de valor e a geração de emprego local. Entretanto, a possibilidade de concretizar acções de cooperação entre empresas moçambicanas e sul-africanas depende de como factores de economia política afectam as pressões e os interesses sobre ambos países. Todavia, mostramos que a evidência histórica actual mostra que até o momento a colaboração estruturada para o desenvolvimento industrial é bastante fraca. Por um lado, o padrão de acumulação em Moçambique é excessivamente dependente de fluxos externos de capital com capacidades fracas de impor condicionalidades para retenção doméstica da riqueza gerada através de ligações. Por outro lado, o padrão de integração económica beneficia à África do Sul, na medida em que Moçambique é altamente dependente de importações, criando, por isso, poucos incentivos para uma colaboração estruturada.

## Referências bibliográficas

- Banco de Moçambique (2016) *Balanço de Pagamentos 1980-2016*. [Online]. 2016. Banco de Moçambique. Available from: [http://www.bancomoc.mz/fm\\_pgLink.aspx?id=222](http://www.bancomoc.mz/fm_pgLink.aspx?id=222).
- Castel-Branco, C.N. & Goldin, N. (2003) *Impacts of the Mozal Aluminium Smelter on the Mozambican Economy*.
- Hidalgo, C.A., Hausmann, R. & Dasgupta, P.S. (2009) The Building Blocks of Economic Complexity. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*. 106 (26), 10570–10575.
- IIM (2018) *Inquérito às indústrias manufactureras moçambicanas 2017*.
- Lall, S. (1992) Technological capabilities and industrialization. *World Development*. 20 (2), 165–186.
- Langa, E. (2017) Dependência de Megaprojectos e Desindustrialização Prematura em Moçambique. In: *Desafios para Moçambique 2017*. Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava, António Francisco. Maputo, IESE. pp. 165–180.
- Langa, E. (2015) «Ligações Minadas» O Caso dos Fornecedores Nacionais da Vale e da Rio Tinto em Moçambique. In: *Desafios para Moçambique 2015*. Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava, António Francisco. Maputo, IESE. p.
- Langa, E. & Mandlate, O. (2015) Ligações entre grandes projectos de investimento estrangeiro e fornecedores locais: promessa de desenvolvimento. In: Carlos Nuno Castel-Branco, Nelsa Massingue, & Carlos Muianga (eds.). *Questões sobre o desenvolvimento produtivo em Moçambique*. Maputo, IESE. p.
- Palma, J.G. (2005) Four sources of de-industrialisation and a new concept of the Dutch Disease. In: *Beyond Reforms: structural dynamic and macroeconomic vulnerability*. Stanford University Press and the World Bank. p.
- Pretorius, L.G. (2005) *The Political Economy of South African Foreign Direct Investment in Mozambique: A Case Study of Mozal and Its Implications for Development in Mozambique and Southern Africa*.
- Rodrik, D. (2007) *One economics, many recipes: globalization, institutions and economic growth*. Princeton and Oxford, Princeton University Press.
- União Africana (2018) *AU Member Countries Create History by massively signing the AfCFTA Agreement in Kigali*. [Online]. 2018. Available from: <https://au.int/en/pressreleases/20180321/au-member-countries-create-history-massively-signing-afcfta-agreement-kigali> [Accessed: 24 April 2018].